

**Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap**

Enap

**Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap**

Esses aspectos merecem atenção, pois detectar a surdez precocemente só trará de fato efeitos benéficos para a criança surda se ela não vier a sofrer ausência de língua. Caso contrário, haverá o risco de ela se tornar atrasada em seu desenvolvimento global.



DICA

O documentário "Sou surda e não Sabia" tem como protagonista a surda Sandrine, resgatando, por meio de sua história, aspectos importantes sobre a concepção de surdez, a oralização de crianças surdas, a Língua de Sinais, a descoberta da surdez e a educação do surdo. O vídeo é uma excelente oportunidade para se conhecer um pouco mais o tema e refletir sobre como a Comunidade Surda percebe a surdez. Clique neste link para visualizar o documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=PymXMyz3nSk>.

1.3 Graus de perda auditiva

No Projeto "Toda Força ao 1º Ano: contemplando as especificidades dos alunos surdos", podemos encontrar uma classificação, baseada na literatura produzida por Shlomo Silman e Carol A. Silverman, que apresenta os graus de perda auditiva, medidos em decibéis (dB). Esses graus são classificados como:

Normal	até 25 dB
Leve	de 26 a 40 dB
Moderado	de 41 a 55 dB
Moderadamente severo	de 56 a 70 dB
Severa	de 71 a 90 dB
Profundo	maior que 91 dB

.....

Para Refletir

Apesar de muitas pessoas compreenderem que existem graus diferentes de perda auditiva, no senso comum ainda é recorrente a ideia de que uma pessoa com uma perda profunda não é capaz de ouvir nada, já pessoas com perda leve, moderada ou severa ouvem um pouco mais "baixo" do que as pessoas ouvintes. Nesse contexto, as pessoas surdas teriam uma perda profunda, já as deficientes auditivas teriam perdas leves, moderadas ou severas.

.....

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

1.4 Graus de perda auditiva

Enap

Na figura 1 temos um exemplo de audiometria construído com ilustrações, para que as explicações fiquem mais claras:

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

Enap

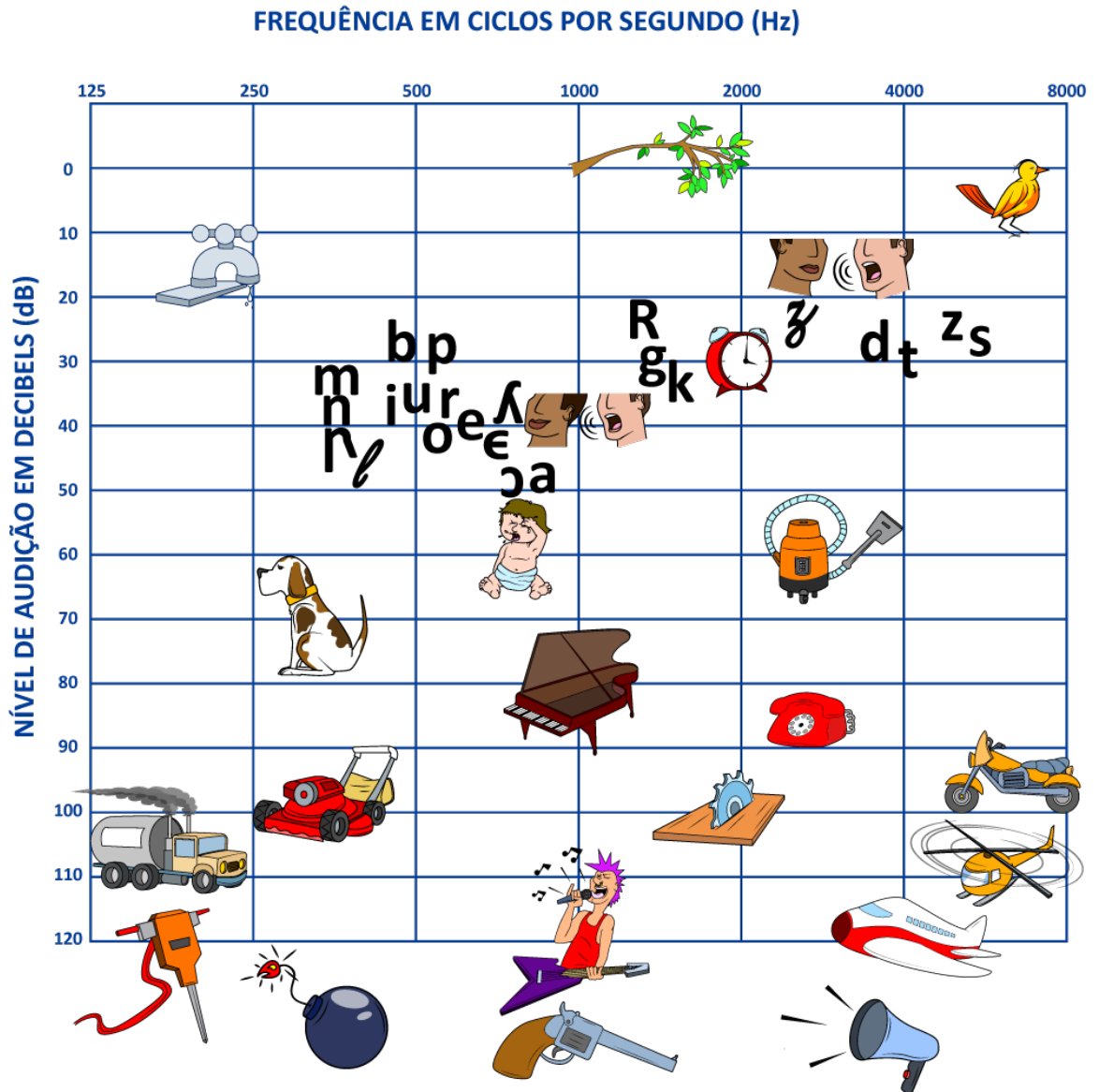
Enap

Enap

Enap

Enap

Figura 1 - Exemplo de audiometria Ilustrada - Exame que contém frequências medidas em ciclos por segundo (Hz) e exemplos do que cada grau de perda auditiva consegue perceber, medido em decibéis



Fonte: Autoria Própria

No caso de uma perda auditiva leve, é possível observar, pela tabela, os sons que a pessoa pode ou não ouvir. Ao localizar, por exemplo, 40 dB na linha horizontal é possível compreender que a pessoa com esse tipo de perda pode não escutar os sons dos fonemas marcados entre 26 e 40 dB.

O mesmo deve ser feito para analisar pessoas com perda moderada, ou seja, na linha horizontal, de 55 dB para cima da tabela, a pessoa com esse tipo de perda pode não escutar os sons marcados nessa faixa. Dessa forma, sua perda abrange um grau maior do que a perda leve. Isso não significa que o indivíduo com esse grau de perda não escute nenhum som abaixo de 60 dB, pois sua perda auditiva pode variar em relação à frequência medida em Hz.

Compreender essa complexidade inerente às perdas auditivas é importante para perceber que diferentes pessoas com perdas auditivas leves podem escutar, ou não, sons diferentes. Contudo, o que merece muita atenção é o fato de que tanto a perda leve quanto moderada podem trazer prejuízos para a compreensão da fala, visto que ambas concentram-se na faixa de percepção desse tipo de som. Já uma pessoa com perda severa pode não ouvir de 80 dB para cima da tabela, entretanto é capaz de perceber os sons desse limite da tabela para baixo, etc. A análise da audiometria ilustrada nos permite perceber que um mesmo grau de perda auditiva traz inúmeras variações em relação à percepção dos sons por pessoas diferentes.

1.5 Aparelho de amplificação sonora individual

Para muitos, o Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI) auxiliaria o surdo a ouvir melhor, entretanto isso dependerá do grau e do tipo de perda auditiva, além da época da vida em que ela tenha ocorrido. Isso significa que a pessoa com perda auditiva pré-linguística, ou seja, anterior à aquisição de uma língua oral, pode ter um aproveitamento diferente daquele apresentado pela pessoa surda pós-linguística, isto é, que já teve a experiência auditiva significativa, no que diz respeito à construção de pensamento mediada por uma língua oral-auditiva.

De acordo com estudiosos da área, os aparelhos auditivos servirão apenas para as pessoas com surdez profunda perceberem ruídos e não para distinguirem os sons da língua de maneira fluida. Veja o que diz Audrei Gesser, uma renomada pesquisadora da surdez e da Libras, com base na literatura de Heloísa Boechat, Lígia Tega e Maria Cecília Lima, sobre a complexidade que envolve o uso do AASI:

As próteses ou aparelhos auditivos, conforme argumentam os fonoaudiólogos, ajudariam as crianças com surdez severa ou profunda a "estimular a audição residual" e, assim fazendo, "perceber os componentes acústicos da fala". Veja que se está falando em "percepções e estímulos". A escuta auditiva e o discernimento dos sons vocálicos ou consonantais da língua portuguesa são identificados somente pelos indivíduos que têm surdez moderada ou leve e, mesmo assim, dentro de um modelo gradativo de reabilitação auditiva que vai desde a detecção, discriminação e reconhecimento dos sons até a compreensão da linguagem. E esta última vai muito além da utilização das habilidades puramente acústicas, uma vez que a compreensão da linguagem é complexa e envolve uma multiplicidade de fatores: ela pressupõe relações entre mensagem e contexto, domínio de conceitos e a vivência social, o próprio conhecimento da linguagem da criança, a sua memória sequencial e os conhecimentos gramaticais [...] (Gesser, 2009, p. 75-76).

1.6 A surdez pela perspectiva ouvintista

Observa-se, de forma habitual, que o nascimento de uma criança surda é cercado por uma série de sensações, muitas vezes, confusas e negativas. De acordo com Oliver Sacks, escritor do livro *Vendo Vozes*, sendo 95% dos surdos filhos de pais ouvintes, esse acontecimento é visto por muitos como uma tragédia, pois o filho idealizado torna-se distante. Infelizmente ainda "é muito comum o sentimento de culpa dos pais, de negação, indiferença, superproteção,

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

vergonha, ódio de si mesmos e da criança, ressentimento, medo, impotência, etc.”, como defende Rita Furtado em publicação de 2008.

Isso parece ocorrer em grande parte do imaginário social, pois a surdez é compreendida como uma restrição ou limitação. Essa representação, construída social e historicamente, tem fortes bases no conceito de normalidade, pois "a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”, segundo Erving Goffman. Nessa perspectiva, o discurso sobre o que é ser normal ganha força num contexto que classifica o que a norma considera ideal ou adequado.

No caso dos surdos, a perda auditiva os coloca em uma situação de desvantagem diante dos ouvintes, pois "a norma é uma espécie de régua que tem o objetivo de 'medir' os sujeitos a fim de definir aqueles que farão parte dela e os que serão excluídos, dando origem aos sujeitos anormais”, nas palavras de Rita Furtado em publicação de 2011. Assim, percebe-se a surdez como uma doença, que requer tratamento terapêutico. Recorre-se a uma abordagem corretiva, a fim de minimizar o possível "defeito” da pessoa surda, de modo que ela possa aproximar-se do que é considerado comum. Nesse caso específico, a normalização ocorreria por meio da fala e da leitura labial.



SAIBA MAIS

Há muitas personalidades famosas que são surdas. Porém, de acordo com Karin Strobel, isso não é devidamente divulgado pelo medo do desprestígio que a surdez pode trazer ao imaginário ouvinte. A discussão da autora sobre essa questão foi publicada no Capítulo I do livro Estudos Surdos II, tratando desse tema com alguns exemplos de personalidades Surdas, como:



Thomas Edison

Inventor da Luz Elétrica

Teve surdez pós-linguística, por volta dos treze anos de idade.

Fonte: [Flickr](#)



Gastão de Orléans

O conde D'eu (segundo marido da Princesa Isabel)

Sua surdez foi confirmada em biografia da Princesa Isabel, de autoria de Robert Daibert Junior, apesar de não haver informações precisas em outros registros.

Fonte: [Wikimedia](#)



Lou Ferrigno

Ator que representou o Incrível Hulk

Surdo devido a uma infecção de ouvido, com cerca de três anos de idade.

Fonte: [Wikimedia \(com alterações\)](#)

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

1.7 A surdez pela perspectiva socioantropológica

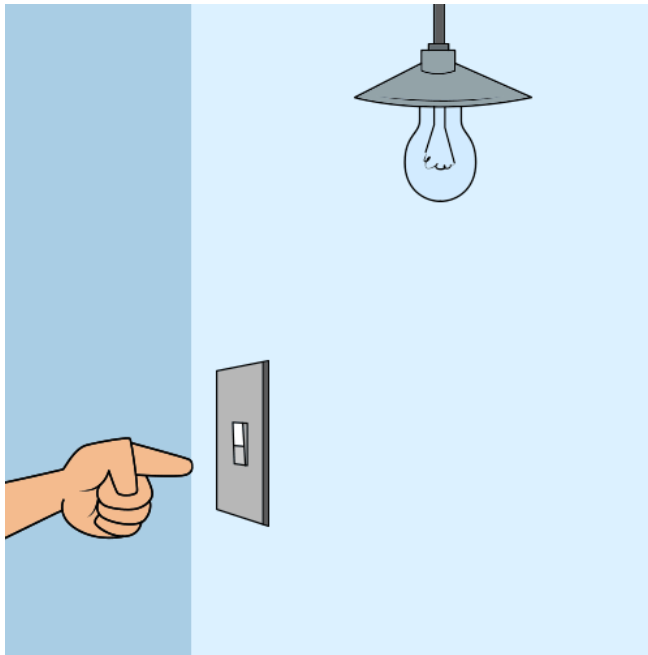
Pesquisas sobre o desenvolvimento de surdos filhos de pais surdos foram alterando muito a visão do surdo como um sujeito limitado ou incapaz. Elas romperam com a ideia de déficit linguístico e cognitivo e, cada vez mais, vêm demonstrando que, quando exposta a uma língua visual, a criança surda tem possibilidades de se desenvolver de maneira análoga à criança ouvinte.

Em seus escritos, Oliver Sacks descreve de maneira eloquente sua incursão pelo mundo dos surdos. Nesses relatos o autor desvencilha-se da concepção médica sobre a surdez e passa a percebê-la para muito além dos aspectos biológicos. Nesse percurso conhece a Língua de Sinais e a descreve não só como adequada às condições visuais da pessoa surda, mas como a língua que possibilita a construção de relações de pensamento puramente visuais, talvez nunca imaginadas pelas pessoas ouvintes. Diante disso, observa-se a produção de uma cultura visual compartilhada por toda uma população. O autor disserta sobre a inteligência visual dos surdos, e, desse modo, adentra uma visão que se afasta cada vez mais da concepção ouvintista. Observa-se uma inversão de percepção, que traz em seu bojo a reconstrução da alteridade do surdo, reconhecido assim como um sujeito completo.

Quando se conhece a Comunidade Surda e sua Língua de Sinais, o encantamento parece ser recorrente. Enquanto os surdos eram comparados a ouvintes que tinham um problema, pouco se possibilitava para o desenvolvimento global deles, ao passo que, quando se permitiu que o surdo pudesse existir sendo surdo, suas possibilidades de existência e de inclusão se abriram de maneira contundente.

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Figura 3 - Demonstração de como chamar a atenção de uma pessoa surda por meio da luz do ambiente.

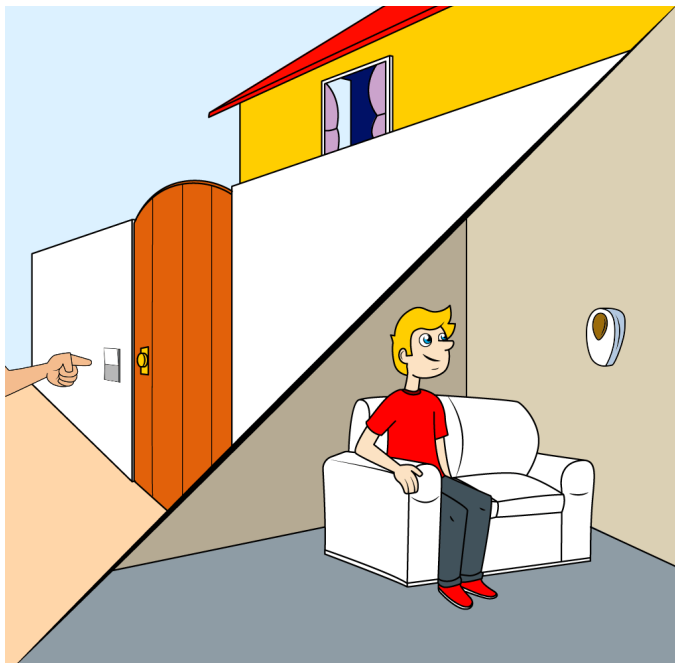


Fonte: Autoria própria

Existem ainda várias tecnologias que se utilizam basicamente dos sinais luminosos para facilitar a vida das pessoas surdas. A seguir são apresentadas algumas delas:

- **Campainha para Surdos**

Figura 4 - Demonstração do funcionamento de uma Campainha para Surdos.



Fonte: Autoria própria

Na ocasião da chegada de uma visita em sua casa, o surdo será avisado mediante o toque da campainha, por meio de um sinal luminoso. Existem campainhas de diversos modelos, como, por exemplo, as que ficam instaladas em algum cômodo da casa ou móveis, que o surdo pode transportar para qualquer lugar que achar mais apropriado.

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

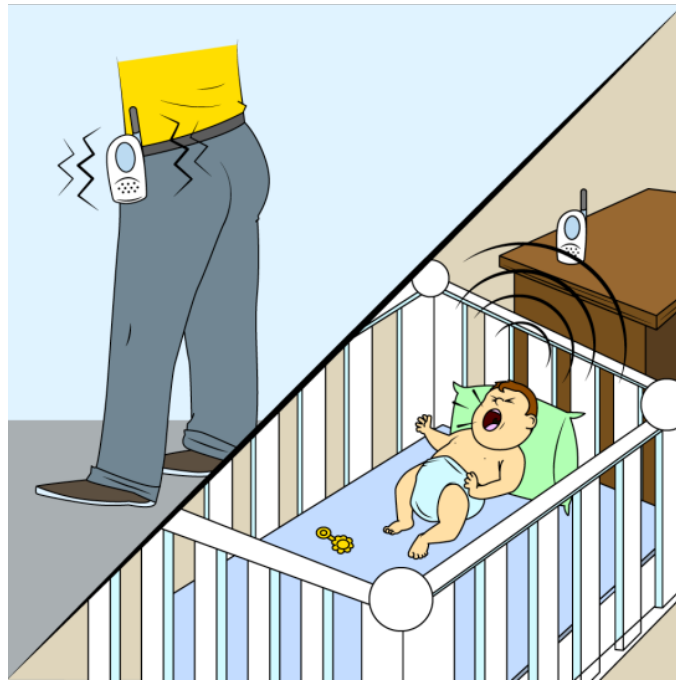
Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

• **Babá Eletrônica Vibratória**

Figura 5 - Demonstração do funcionamento de uma babá eletrônica vibratória



Fonte: Aatoria própria

Esse dispositivo é útil quando os pais são surdos, pois traz uma independência em relação ao cuidado com o bebê. A babá eletrônica vibratória emite um alerta ao menor sinal de choro da criança, possibilitando maior segurança e tranquilidade aos pais.

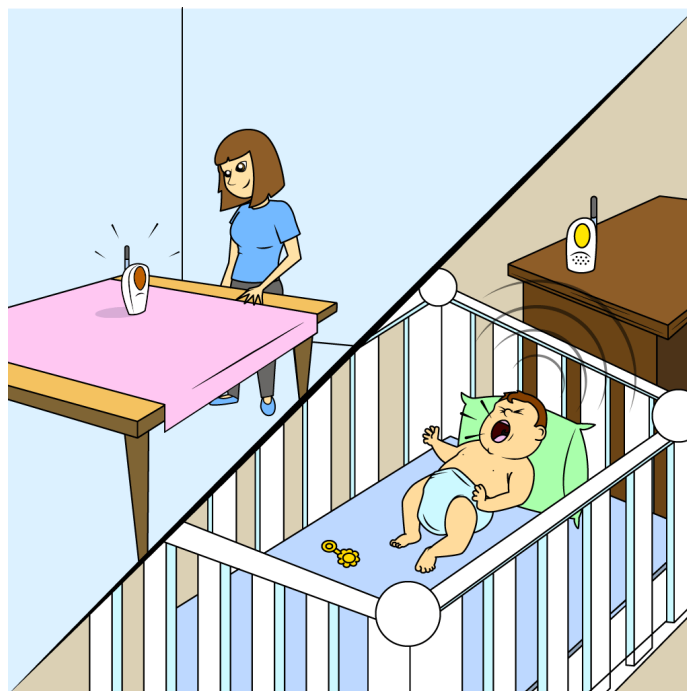
Enap

2.1 Como promover a comunicação com surdos - Cont.

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

• **Babá Eletrônica Luminosa**

Figura 6 - Demonstração do funcionamento de uma babá eletrônica luminosa.



Fonte: Aatoria própria

Ainda existe o modelo de Babá Eletrônica Luminosa que consiste na conversão do sinal sonoro do choro do bebê em alerta luminoso no receptor que fica em poder dos pais.

• **Relógio Vibratório para Surdos**

Figura 7 - Demonstração do funcionamento de um relógio vibratório para surdos.



Fonte: Autoria própria

Esse relógio despertador funciona com dispositivo de vibração. É mais forte do que os conhecidos em celulares e pode ser colocado embaixo do travesseiro.

• **Telefone para Surdos**

Figura 8 - Demonstração do funcionamento de um telefone para surdos.



Fonte: Autoria própria

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

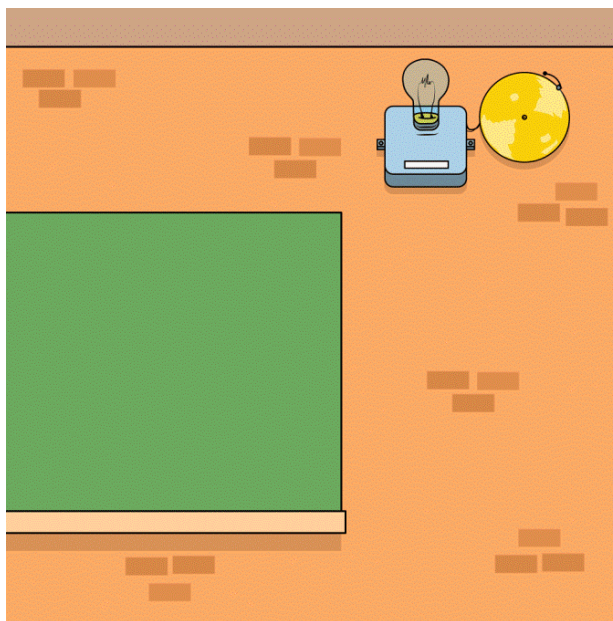
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Pode ser encontrado em vários espaços públicos. Nele o surdo pode realizar uma ligação para um ouvinte. A ligação é intermediada por um telefonista. A pessoa surda escreve o que deseja que seja dito e o telefonista fala oralmente com o ouvinte. Mediante a resposta do ouvinte, o telefonista escreve a mensagem que aparece no visor para a pessoa surda.

- **Campainha de Escola com Sinal Luminoso**

Figura 9 - Demonstração do funcionamento de uma campainha com sinal luminoso utilizada em algumas escolas.



Fonte: Autoria própria

Enap

Algumas escolas para surdos já se utilizam desse dispositivo. Ao toque do sinal, a luz se acende. Normalmente fica instalada num ponto central da sala, por exemplo, acima do quadro.

2.2 Como promover a comunicação com surdos - Cont.

- **Celular - Envio de Mensagens Escritas e Vídeos**

Figura 10 - Demonstração do uso de telefones celulares por surdos.



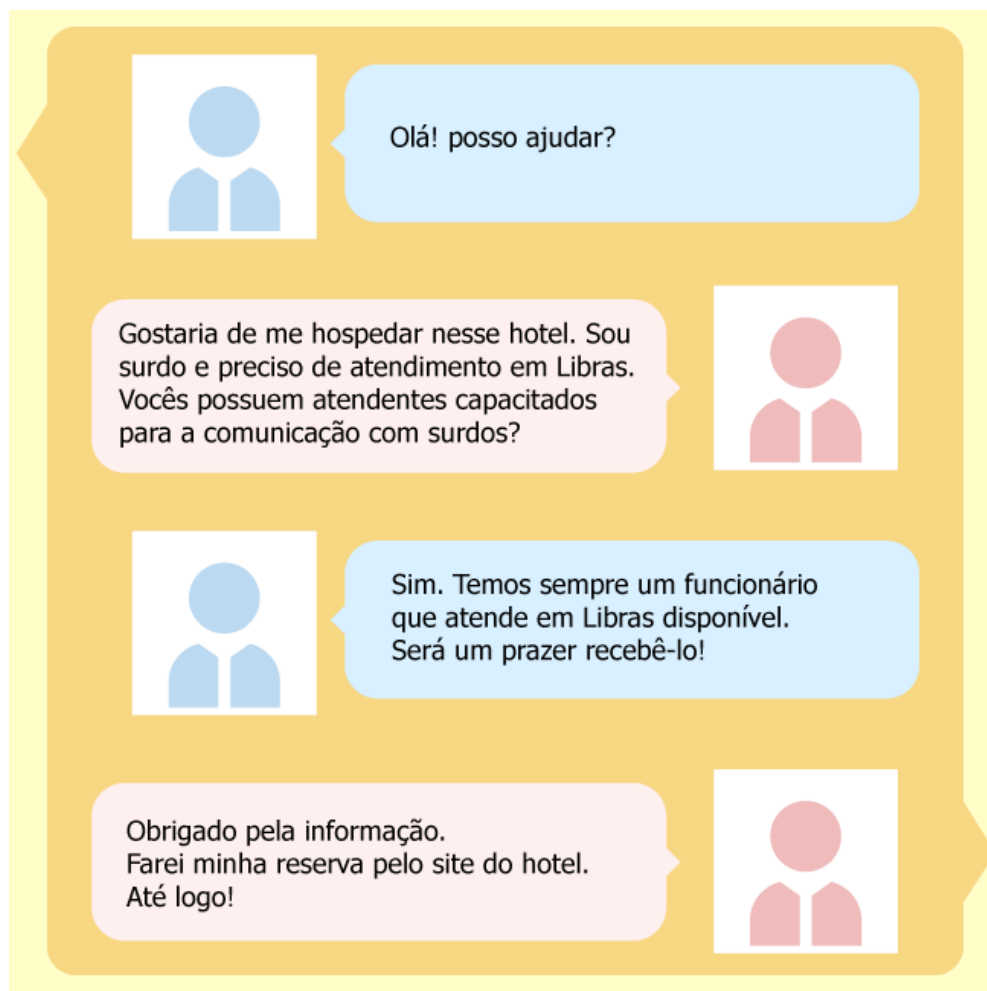
Fonte: Autoria própria

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Os aparelhos celulares são cada vez mais utilizados, inclusive pelas pessoas surdas. Nesse contexto, o acesso a mensagens escritas, que permite a comunicação de surdos entre si e com ouvintes, com a garantia da privacidade, é a forma de uso preferida dessa população, ultrapassando a preferência pelo telefone para surdos, que é mais usado em caso de emergência.

• Escrita em Chats de Atendimento

Figura 11 - Demonstração sobre o uso de Chats de atendimentos para surdos.



Fonte: Autoria própria

Atualmente muitas empresas, até mesmo em decorrência da Lei de acessibilidade, buscam garantir o atendimento por chats, o que favorece que o surdo receba uma formação escolar adequada e aprenda a Língua Portuguesa escrita como segunda língua.

3.1 Libras: primeiro contato

No vídeo 2, logo abaixo, tem-se um diálogo, sinais de marcação temporal, cumprimentos e a apresentação de pessoas surdas. É importante observar que essas pessoas utilizam o Alfabeto Manual para soletrar o nome próprio e usam também o sinal correspondente à identificação de cada uma delas.

O sinal de cada pessoa corresponde ao nome visual, ou seja, é marcado por alguma característica física presente no momento em que ela o recebe. Muitas vezes o sinal é mais valorizado pela Comunidade Surda do que o próprio nome oral auditivo.

O sinal da pessoa em destaque na figura abaixo poderia ser representado de diversas maneiras.

Figura 13 - Figura de mulher para ressaltar a reflexão sobre as características físicas da personagem e seus possíveis sinais.



Fonte: Autoria própria

Uma pessoa surda olharia o que mais se destaca fisicamente na pessoa para atribuir-lhe o sinal. Nesse caso, o sinal atribuído poderia referir-se aos cabelos crespos e ao sorriso, por exemplo.

Vídeo 2 - Sinais de marcação temporal e de características, cumprimentos e apresentação de pessoas surdas. Clique neste link para visualizar o vídeo do TV INES: <https://cdn.escolavirtual.gov.br/libras/v1/videos/modulo01video02.mp4> (início do vídeo até 5,03 Min)

3.2 Libras: diálogos e sinais importantes para uma primeira comunicação

No vídeo 3 apresentam-se duas situações de diálogos em Libras. São explorados sinais de uso social importantes para uma primeira comunicação, sinais de objetos e dias da semana em Libras.

Vídeo 3 – Sinais de uso social de objetos e dias da semana. Clique neste link para visualizar o vídeo do TV INES: <https://cdn.escolavirtual.gov.br/libras/v1/videos/modulo01video03.mp4> de 5,04 Min a 16,04 Min)

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

Enap

Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap
Enap

